PROJETO SINGULARE

Integrando Saberes • Conectando Pessoas • Efetivando Direitos

Guia de Transição Escolar

Construindo pontes entre família e escola

Para conversar com a escola e favorecer um bom começo de ano — mesmo quando a criança permanece na mesma instituição.

A família conhece a criança pela convivência. A escola conhece sua trajetória pedagógica. Juntas, podem aproveitar o que já foi aprendido e começar o próximo ano com mais acolhimento.

Este guia é um convite ao diálogo, não uma lista de exigências. Use as perguntas que fizerem sentido para sua realidade. O material complementa, mas não substitui, o PEI e o planejamento da escola.

1 Antes do fim do ano: reconhecer conquistas e aprendizados

Uma conversa com os professores atuais e a coordenação pode ajudar a reunir o que vale levar para o próximo ano.

- Quais objetivos foram alcançados? Em que a criança ganhou autonomia? Há apoios que já podem ser revistos?
- O que funcionou para aprender, comunicar-se, participar da turma e realizar atividades e avaliações? O que ainda é difícil?
- Quais interesses, habilidades, talentos e áreas de destaque apareceram? Que oportunidades de aprofundamento ou enriquecimento seriam interessantes?

Pergunta para abrir a conversa: “Podemos combinar como os professores deste ano vão compartilhar suas experiências com os do próximo, além das informações do PEI?”

Uma conversa importante entre os professores

Antes do início do novo ano letivo, vale conversar com a coordenação sobre a possibilidade de organizar um encontro entre os professores que acompanharam a criança neste ano, os professores que irão recebê-la no próximo e a equipe de orientação pedagógica.

Essa troca permite compartilhar experiências que nem sempre aparecem nos documentos: como a criança aprende, quais estratégias funcionaram, seus interesses, habilidades e talentos, como se comunica, estabelece vínculos e se relaciona com os colegas.

É igualmente importante conversar sobre seu bem-estar emocional: o que a faz sentir-se segura e acolhida, como reage a mudanças, frustrações e situações de conflito, o que pode provocar ansiedade, resistência ou isolamento e quais abordagens ajudam a recuperar a confiança e a participar das atividades.

Assim, a nova equipe poderá conhecer melhor a criança, considerando tanto suas necessidades pedagógicas quanto suas particularidades sociais e emocionais, e planejar um acolhimento mais individualizado desde o primeiro dia.

O novo professor não precisa descobrir sozinho aquilo que a escola já aprendeu sobre a criança — inclusive o que a ajuda a sentir-se segura, acolhida e pertencente ao grupo.

2 Antes das aulas: somar o olhar da família

Quando a nova equipe estiver definida, vale pedir uma conversa antecipada. Ela complementa o que a escola já sabe, sem fazer a família recontar todo o histórico.

- Conte quais assuntos interessam à criança, o que a entusiasma e quais habilidades e talentos merecem ser estimulados.

- Compartilhe exemplos do cotidiano: o que favorece a colaboração, o que gera resistência ou retraimento, como ela se comunica e o que a tranquiliza.
- Pergunte como essas informações podem contribuir para o primeiro contato, o vínculo e o planejamento pedagógico.

Se houver profissionais que acompanham a criança — como psicopedagogo, psicólogo, fonoaudiólogo ou terapeuta ocupacional —, vale perguntar à escola se seria útil uma conversa conjunta. A família pode facilitar essa aproximação, respeitando a privacidade da criança e autorizando o compartilhamento das informações pertinentes.

3 Desde o primeiro dia: acompanhar sem recomeçar

A preparação anterior ajuda a nova equipe a começar com estratégias conhecidas. Depois, família e escola acompanham o que funciona, escutam a criança e ajustam o necessário.

“Os apoios e as estratégias que já funcionam continuarão desde o primeiro dia de aula?”

- Como serão considerados nas atividades em sala, nas tarefas de casa e nas avaliações?
- As adaptações, flexibilizações e oportunidades de enriquecimento curricular atendem tanto às necessidades quanto às potencialidades?
- Como a criança está se sentindo? Está participando, construindo relações e se percebendo acolhida na turma?

Para sair da conversa com um caminho claro

Não é necessário preencher fichas. Ao final de cada conversa, vale combinar apenas três coisas:

- O que será feito ou mantido para apoiar a criança.
- Com quem a família poderá conversar se perceber alguma dificuldade.
- Quando será oportuno retomar o assunto para saber como a criança está.

Uma forma simples de começar

“Gostaríamos de compartilhar o que aprendemos sobre nossa criança e ouvir o que a escola já observou. Como podemos organizar juntos essa passagem para o próximo ano?”

Cada criança é única. Em situações de dupla excepcionalidade, por exemplo, altas habilidades ou superdotação podem coexistir com necessidades importantes de apoio. O olhar da escola e da família precisa contemplar as duas dimensões.

A inclusão não precisa recomeçar a cada ano. O conhecimento construído sobre a criança deve acompanhar sua trajetória escolar e se transformar em ações concretas.

SOBRE A AUTORA

Tathiana Castro Lima — Advogada, mediadora de conflitos e coordenadora do Projeto Singulare.
Sua experiência familiar com a dupla excepcionalidade a levou a dedicar-se ao estudo da neurodiversidade, especialmente das altas habilidades/superdotação e da dupla excepcionalidade.
Neste guia, reúne orientações para ajudar famílias a estabelecer um diálogo construtivo com as escolas, compartilhar informações relevantes sobre seus filhos e contribuir para uma transição mais acolhedora e colaborativa entre os anos letivos.